



Asociación para el Estudio de Temas Grupales,
Psicosociales e Institucionales

ÁREA 3. CUADERNOS DE TEMAS GRUPALES E INSTITUCIONALES

(ISSN 1886-6530)

www.area3.org.es

Extra Nº5 – Verano 2023

Material presentado en la III Asamblea Internacional de Investigación en torno a la
Concepción Operativa de Grupo, Salvador de Bahía, 8-10 de septiembre de 2022

A ética de Enrique Pichon- Rivière sobre o Horizonte de Treinamento¹

Gladys Adamson

Resumo

Como E. Pichon-Rivière aponta que o itinerário de um pensamento será necessariamente autobiográfico, na medida em que o esquema de referência de um autor não é apenas estruturado como uma organização conceitual, mas é baseado em uma base motivacional de experiências vividas. Neste trabalho, com base nos testemunhos autobiográficos do próprio autor, vou me referir ao que considero ser a escolha ética profissional de E. Pichon-Rivière, que marcou a maioria de seus discípulos.

A ética é parte da filosofia prática. Ela está preocupada com as escolhas e decisões humanas. É por isso que é sempre motivo de controvérsia. Há múltiplas perspectivas a partir das quais

¹ Trabalho apresentado no Nó de Formação.

a Ética de Enrique Pichon-Rivière pode ser abordada. Vou me referir ao que considero ser a escolha ética profissional de E. Pichon-Rivière e que marcou a maioria de seus discípulos. Há um evento importante em sua vida que foi decidido por seus pais, que foi sua emigração para a Argentina. De Genebra até o Chaco. E. Pichon-Rivière diz Pichon-Rivière: ***Minha vocação para as ciências do homem***² surge da tentativa de resolver a obscuridade do conflito entre duas culturas. Como resultado da emigração de meus pais de Genebra para o Chaco, desde os quatro anos de idade fui testemunha e protagonista da inserção de um grupo minoritário europeu em um estilo de vida primitivo³.

Em resumo, E. Pichon-Rivière, aos 3 ou 4 anos de idade, foi testemunha e protagonista de uma experiência de transculturação e marginalização, já que os hectares de terra que o governo argentino lhe deu estavam localizados em uma área de cultura Guarani, que ele define como "animista mágico". Além disso, eles não falavam espanhol, mas uma língua do povo original, o guarani.

Mas não é apenas sua família que é desenraizada, ele também captura a marginalidade do mesmo povo Guarani explorado por empresas estrangeiras, aquelas comunidades nativas estigmatizadas com as quais ele viveu em sua infância.

Ele também reconta um ritual paternal que confirma os efeitos da transculturação: *meu pai tinha o hábito de esticar um arame entre duas árvores e pendurar ali todos os seus ternos. Ele fazia isso pelo menos uma vez ao mês. Havia jaquetas, casacos e todo tipo de ternos e trajes de gala... e ele os pendurava ao sol, ao ar livre, na selva. Parecia um ritual, uma missa, na qual ele era um ofertante solitário. Percebi nela toda sua nostalgia (...) Meu pai sofreu, de certa forma, naquele ritual, do qual foi testemunha dissimulada, compartilhando seu pesar*⁴.

Mesmo em Buenos Aires, aos 19 anos de idade, ele também teve um impacto. Quando perguntado por Vicente Zito Lema *que impressão Buenos Aires causou nele*, supõe-se que ele estava se referindo à metrópole (ele tinha vindo de uma pequena cidade provincial), aos avanços técnicos (iluminação, bondes, automóveis, telefones, cinema), à vanguarda poética e pictórica da época, à intensa atividade política dos anarquistas e socialistas, e assim por diante. Em 1926, Buenos Aires foi considerada a Paris da América Latina. No entanto, Pichon-Rivière responde: *O que mais me impressiona, inicialmente, não é a cidade, mas certas pessoas que encontro lá, mas sou atraído por aquelas pessoas da pensão da rua Viamonte (a pensão dos franceses), seres profundos e soltos. Os franceses e húngaros prontos para partir, para morrer ou para se agarrar. Eles são os que me marcam em Buenos Aires*⁵.

Em outras palavras, ele também encontra esta condição de pária social em Buenos Aires, a metrópole mais rica da América Latina, quando chega em 1926.

² Ênfase acrescentada pelo autor.

³ Pichon-Rivière, E.: (2011) Prólogo ao *El Proceso Grupal*, Buenos Aires, Nueva Vision.

⁴ Zito Lema, V. (1976) *Conversaciones con Enrique Pichon-Rivière*, Buenos Aires, Timerman editores. P. 21.

⁵ Zito Lema, V. (1976) *Conversaciones con Enrique Pichon-Rivière*, Buenos Aires, Timerman editores. P. 58.

Gostaria de enfatizar com estes parágrafos textuais que é o sofrimento subjetivo e micro-social dos marginalizados que sensibiliza particularmente E. Pichon-Rivière.

Esta "marca", como ele a chama, acho que é uma definição de uma escolha libidinal, vital e vocacional. Quando ele entrou na medicina, decidiu dedicar-se à psiquiatria. "Havia algo morto neles, mas *algo ainda podia ser feito*", disse ele em suas aulas. No Hospício de las Mercedes em 1936, ele conheceu as pessoas mais marginalizadas do mundo: os loucos.

Pichon-Rivière faz a pergunta: por que aqueles que são diferentes são segregados? Quais são as causas de sua estigmatização e abandono quando são incluídas, pois tendem a estar em pequenas comunidades ou em aldeias onde têm um trabalho a fazer. Eles não são incapazes de estabelecer laços, eles têm outra forma de formar laços sociais. Eles podem não ser capazes de produzir números econômicos significativos, mas têm algo a fazer, podem colaborar, podem pertencer a uma comunidade. Pichon-Rivière foi um crítico feroz das autoridades que segregaram e prenderam aqueles que não concordavam estatística e ideologicamente com as elites econômicas e políticas do país. Ann-Mari Seldén, psicóloga sueca e discípula de Angel Fiasché⁶ formou uma cooperativa, na Suécia, com pacientes psicóticos que foram contratados para lavar a roupa branca do hospital psiquiátrico. Eles dirigem e trabalham em uma lavanderia própria de sucesso.

A sensibilidade de Pichon ao segregado tinha um contexto social, os imigrantes deixados para se defenderem, os insanos, os pobres confinados a cortiços ou barrios, os provinciais do interior do país "as cabecinhas negras"⁷.

Aqui encontramos uma Pichon-Rivière atenta para ouvir estas vozes com um profundo carinho que testemunhei⁸. Onde a ciência dizia: sua loucura tem causas orgânicas, causas endógenas, como comprovado por sua falta de senso de realidade e seus sintomas já estabelecidos por antigos manuais psiquiátricos. Pichon-Rivière se levanta e diz: não é universal e seus métodos não são um meio para aliviá-los, é necessário ouvi-los e percebê-los em sua condição singular. Ao fazer isso, ele descobrirá um sujeito social que teve uma tentativa fracassada de *se adaptar ativamente* à realidade. Esta doença individual começou como resultado de uma crise social, que, devido à ausência de instituições incapazes de prover contenção, abrigo e ajuda, caiu sobre a família e se a família foi incapaz de resolvê-la dialeticamente, ela foi depositada em um de seus membros e se este membro internalizou o conflito, ele começará com sintomas (violência, vícios, etc.) e pode até enlouquecer.

⁶ Angel Fiasché foi discípulo de E. Pichon-Rivière, membro do IADES e excelente psiquiatra. Exilado na Suécia, ele treinou um grupo de psiquiatras e psicólogos suecos que estão atualmente no Instituto Psicoterapêutico de Gotemburgo, que eles criaram a partir de uma concepção pichoneana.

⁷ Eles eram chamados de *cabecitas negras* (*cabecinhas negras*), em contraste com os imigrantes brancos e loiros.

⁸ A primeira vez que fui com ele ao Hospício de las Mercedes em 1969, testemunhei uma cena de total afeto e ternura para com os psicóticos. Eles se aproximaram de mim, estavam sujos, cheiravam mal, usavam roupas velhas, estavam desalinhados, "mamita dame dame um cigarro, mamita dame dame uma moeda", me causaram apreensão, além disso, se agarraram a seu corpo. Lá vi um afável Pichon-Rivière, quase sorrindo, ele abriu os braços e os segurou, deu tapinhas na cabeça, nos ombros, falou com eles em um tom afável, com bom humor eu diria. Causou um impacto em mim, como tudo o que ele fez. Muito mais tarde percebi que ele os estava abrigoando, dando abrigo a essas pessoas, as pessoas mais desamparadas do mundo. Ele não estava apenas falando com eles, ele estava intervindo operacionalmente com eles, em ação.

A capacidade de Pichon de ouvir o discurso psicótico foi espantosa. Penso que veio de sua grande lucidez, mas também de sua sensibilidade poética. Em certa ocasião, convidei-o para jantar em minha casa e, em certo momento, disse-lhe: "*Pichon, olha as malvonas que floresceram na minha varanda*" e ele me disse: "você parece uma garota pubescente que acabou de ter o período". Claro que me deixou "perplexo", mas depois de pensar sobre isso eu disse para mim mesmo que é uma bela metáfora poética. Um poeta poderia dizer de uma garota pubescente "aquela garota com sua recente varanda em flor".

Os grandes problemas da vida cosmopolita, tal como foram colocados naquele momento histórico, foram o progresso da Argentina, o escopo ilimitado da ciência e da tecnologia.

No nível da psiquiatria, o que era hegemônico era o racionalismo, o positivismo e sua abordagem médica e até mesmo violenta. Pichon revela a hipocrisia deste discurso no hospital, por parte dos psiquiatras de elite que eram, por sua vez, grandes proprietários de terras "tratavam os pacientes como gado, como seus peões", tanto que um grupo de pacientes assassinou um desses altos psiquiatras: López Lecube.

Para E. Pichon-Rivière foi um autoritarismo hipócrita e totalmente ineficaz do ponto de vista terapêutico. A intenção desta elite de psiquiatras de seu tempo era impor uma hierarquia que apenas isolasse, segregasse e reprimisse os psicóticos, buscando sua adaptação passiva à realidade.

Era uma época em que até mesmo os imigrantes (principalmente italianos e espanhóis, mas também sírio-libaneses, franceses, alemães, judeus de toda a Europa, etc.) eram considerados perigosos por essa elite. Eles tinham chegado a manchar a pureza da cultura europeísta das famílias argentinas mais ricas.

Os imigrantes foram privados de sua capacidade produtiva (na Europa lhes foi prometida terra e depois, quando chegaram à Argentina, apenas os primeiros a receberam, os demais foram abandonados à sua sorte) e foram condenados a serem explorados como trabalhadores no campo ou como trabalhadores nas grandes fábricas, ou a trabalhar no porto ou nos trens.

Legado de E. Pichon-Rivière

Para nós, seus discípulos, aqueles que foram treinados por seu ECRO, neste momento histórico, os psicóticos não são as únicas pessoas desmotivadas no mundo, também encontramos prisioneiros, aqueles que trabalham em uma burocracia como uma *jaula de ferro*, nas palavras de Max Weber. Em qualquer lugar onde a alienação é generalizada, a condição de sujeito-objeto, onde não pode ser incluída como sujeito, não pode ser reconhecida exceto como força de trabalho, negada como um ser pensante, criativo, sensível com recursos de ação resoluta que são próprios. Podem ser pessoal de saúde mental ou física

em um hospital, psiquiatras e terapeutas, podem ser trabalhadores estatais, podem ser professores imigrantes, etc.

Creio que esta ética, pensada como sua escolha vocacional, constitui um legado que tem marcado a maioria de seus discípulos: interessar-se por aqueles que não conseguem uma pertença subjetiva em um grupo, em uma organização, em uma comunidade, que não se sentem incluídos na singularidade de seus *esquemas referenciais*, que são marginalizados e não têm um lugar social ou que são vítimas das instituições sociais ou burocracias que não lhes permitem ser protagonistas de suas próprias vidas e projetos.

E. Pichon-Rivière sempre se interessou por aqueles que as instituições sociais negligenciam, deixam à margem, como se não fossem vítimas de subjugação por exclusão. É por isso que, na IADES, ele começou suas intervenções com os presos em liberdade condicional e com funcionários, gerentes e capatazes de empresas.

Esta perspectiva, na qual a sociedade capitalista e certas instituições sociais negam a liberdade de pertencer a uma rede de relacionamentos na qual se pode ser incluído de forma singular, autônoma e criativa, nos permite perceber a existência de uma massa de sujeitos insatisfeitos que vivem num cotidiano opressivo, longe de serem felizes ou mesmo de experimentarem o bem-estar vital. Isto irradia do trabalho para a família, da família para as crianças, dos pais para os professores da escola, etc., para a vida cotidiana de qualquer cidade. Buenos Aires é uma metrópole que muitas vezes vive com pressa e irritada.

É a isto que Pichon-Rivière escolhe se dedicar. Este é o legado ético de Pichon-Rivière. Assim como Freud teve sua população de mulheres segregadas da sexualidade e do conhecimento, os psicólogos sociais têm uma enorme população de sujeitos oprimidos por instituições que os sufocam ou marginalizam, alienando a parte mais singular e criativa de sua subjetividade. Mas, ao mesmo tempo, o que sabemos é que eles precisam reencontrar ativamente suas próprias palavras, suas idéias, seus afetos com os outros e criando pertences para elaborar um projeto onde possam transcender. Eles precisam descobrir o que querem fazer juntos. Eles precisam ser ouvidos e protegidos por um profissional treinado na ECRO de E. Pichon-Rivière. Por que os psicólogos sociais são necessários? Porque esta população está presa por lógicas capitalistas. Subjetivamente são habitadas pela lógica da individualidade, consumo, competição, rivalidade, que diante da diferença com outros precisa ser superior ou pelo menos não ser a última. Aquele que é segregado ou desvalorizado.

Precisamos resgatá-los deste lugar de sofrimento subjetivo que eles reproduzem inconscientemente, pois é a única coisa que eles sabem e sabem como fazer. E eles lutam para sair desta situação de subjugação, mas a única coisa que eles sabem fazer é competir para se destacar, reproduzindo assim as mesmas condições sem saída.

Eles precisam que conheçamos outra forma de relacionamento, outra lógica de seus vínculos e trocas, outra possibilidade de se encontrar, de compartilhar, de se capacitar com os outros, de pensar com os outros, para os outros, diferente dos outros. Alcançar outra maneira de se

relacionar com o mundo que lhes permita uma reafirmação subjetiva com a capacidade de serem o mais autônomos possível em seus projetos e decisões.

Para conseguir isso, eles devem viver a experiência implícita em uma concepção operativa de um grupo. Eles devem viver a experiência de serem ouvidos e aceitos, em grupo, com suas diferenças e serem capazes de projetar-se para um futuro que o transcenda em um projeto comum que une o subjetivo com o social.

Eles precisam de nós porque a tendência à repetição é implacável e precisam de alguém com um *know-how* que possa fazer leituras não só do manifesto, mas também do latente e que intervenha quando a lógica dialética das diferenças e a dialética de seu projeto em relação ao mundo abranda.

Eles precisam de nós porque não se trata de uma questão moral. Eles não têm escolha. Eles estão em uma situação sem ganhos, porque a única coisa que eles sabem é repetir. Viver seu sofrimento em solidão como se fosse individual e como se estivessem condenados a isso e a resignação.

As intervenções operativas realizadas por psicólogos sociais pichoneanos nestes elos produzem efeitos de vitalidade, alegria e satisfação que só podem nos fazer pensar que a lógica dialética é a lógica de Eros, aquela que une, aquela que organiza, aquela que abre novos conjuntos, que por sua vez se organizam, etc. etc. etc.

Muitas vezes, não só se visualiza o sofrimento subjetivo sofrido ao se submeter a esta insatisfação, transformando o trabalho em um jugo, mas também se torna um sintoma. Há fraturas na comunicação, há bodes expiatórios, há conflitos, há reclamações, há quedas na produção, há desacordos com chefes, diretores, gerentes, etc. Há desconfortos expressos pelos imigrantes. Estes sintomas são sinais de algo da ordem do instituto que procura ser ouvido, ser abrigado e ter efeito. Porque aqueles que sofrem com a alienação do discurso capitalista, da lógica capitalista, têm um conhecimento, de fato, são os únicos que sabem o que está acontecendo com eles. Eles precisam de uma escuta especializada, que lhes dê a liberdade de falar, e saberão construir um discurso de grupo que expresse esse conhecimento. O que eles precisam é ser ouvidos na dignidade de suas palavras individuais, de suas reivindicações ou problemas, aprender a ouvir uns aos outros e experimentar como este intercâmbio os enriquece, e que o psicólogo social os oriente sobre como querem instituir a mudança a ser alcançada.

E, Pichon-Rivière está convencido de que é possível sair da lógica deste mestre capitalista, que existe uma saída. Esta saída é micro-social, reforçada por uma intervenção psicossocial. O projeto de sua escola seria influenciar *esquemas referenciais* individuais e fornecer instrumentos de grupo que permitissem uma multiplicação desses espaços micro-sociais, permitir outros tipos de relações, outras lógicas e outros discursos. Não é uma revolução, é uma estratégia de cupins: que as mudanças subjetivas e relacionais alcançadas pelas múltiplas técnicas de concepção operacional de grupos furarão as lógicas capitalistas e de mercado que tendem a inundar grupos humanos e mentes individuais de forma alienante e desvitalizante.

Há impotência social porque o mestre é capitalista e impõe sua lógica. Mas esta lógica, por sua vez, só traz sofrimento subjetivo e sofrimento nas relações. Pichon-Rivière quis desvendar este mistério das relações humanas e encontrar uma maneira possível de superá-las. Esta foi sua grande e última aventura.